



Aos 16 anos, Édipo derrota a Esfinge, o terrível monstro que assombra Tebas devorando todos aqueles que não conseguem decifrar seus enigmas. Como prêmio, Édipo se torna rei e casa com Jocasta, a rainha recém-viúva. Por tudo isso, o herói se julga o favorito dos deuses. No entanto, qual não será a sua surpresa ao se descobrir autor de crimes horrendos.



Marie-Thérèse Davidson

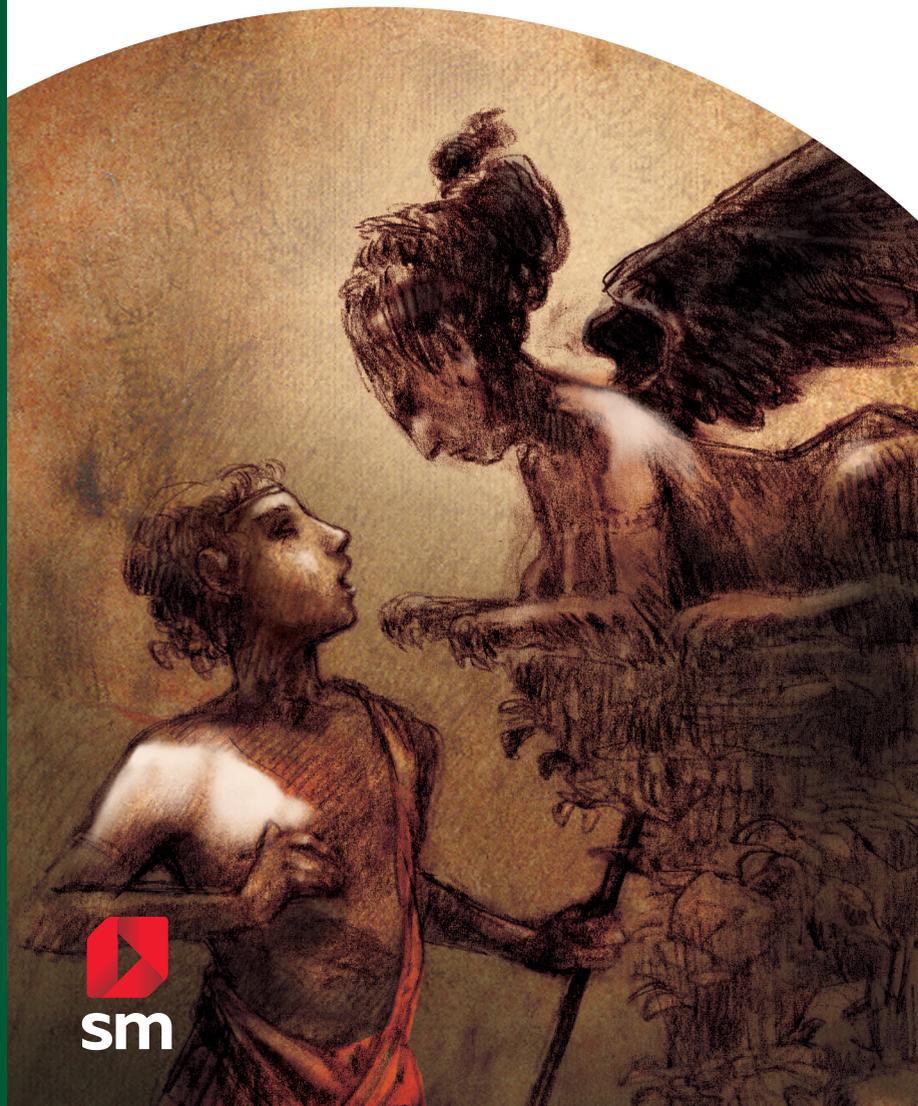
ÉDIPPO, o maldito



ÉDIPPO, o maldito

Marie-Thérèse Davidson

Tradução: Heitor Ferraz Mello



ÉDIPO,
o maldito



ÉDIPO, o maldito

Marie-Thérèse Davidson
Tradução Heitor Ferraz Mello



Título original *Œdipe, le maudit*

© Éditions Nathan / VUEF - Paris, França, 2003

Traduzido do francês por Heitor Ferraz Mello

Edição Fabio Weintraub

Preparação Maurício Baptista Vieira

Apresentação e anexo Ivone Daré Rabello

Revisão Lierka Felsö, Dayane Cristina Pal e Gislaïne Maria da Silva

Assistência editorial Maisa Kawata

Capa e projeto gráfico Signorini

Ilustrações Odilon Moraes

Edição de arte Leonardo Carvalho

Editoração eletrônica Signorini

Iconografia Denise Durand Kremer e Valéria Vaz

Assistência de arte Felipe Repiso

Produção Industrial Alexander Maeda

Impressão Completar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Davidson, Marie-Thérèse

Édipo, o maldito / Marie-Thérèse Davidson ; tradução Heitor Ferraz Mello. -- São Paulo : Edições SM, 2006 -- (Mito e Mistério)

Título original: Œdipe, le maudit

ISBN 978-85-7675-147-2

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

06-3775

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

1ª edição 2006

4ª impressão 2019

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

TINHA UM TROPEÇO NO MEIO DO CAMINHO 7

PRÓLOGO 9

PARTE I

ÉDIPO AMEAÇADO

1. O INSULTO 15

2. O ORÁCULO 23

3. A FUGA 31

4. O ENIGMA DA ESFINGE 37

5. A RECOMPENSA 43

PARTE II

REI DE TEBAS

6. NOVA AMEAÇA SOBRE TEBAS 51

7. A PESTE 57

8. O COMEÇO DA INVESTIGAÇÃO 63

9. TIRÉSIAS 69

10. PRIMEIRAS DÚVIDAS 75

11. O MENSAGEIRO DE CORINTO 83

12. REVELAÇÕES E CASTIGOS 89

EPÍLOGO 95

AO REDOR DO MITO

OS REIS DE TEBAS 100

O MUNDO DE ÉDIPO 102

MITO E REALIDADE 103

ORIGEM E VARIANTES 107

RELEITURAS 111

ATUALIDADE DO MITO 120

GLOSSÁRIO 123

SOBRE A AUTORA 127

Nota: as palavras assinaladas com asterisco (*) ao longo do texto remetem ao glossário na página 123.

APRESENTAÇÃO

TINHA UM TROPEÇO NO MEIO DO CAMINHO

Existe destino? Alguém pode prevê-lo? E, se é infeliz o futuro que nos espera, quanto se pode lutar contra a própria sina? Quanto compete ao acaso? Qual a nossa margem de manobra, de liberdade? Eis algumas perguntas suscitadas pela história que você vai ler aqui.

Nas longínquas terras da Grécia, muitos séculos antes de Cristo, um jovem príncipe é o filho dedicado que, acima de tudo, quer respeitar as leis de sua família e de sua cidade. Insultado por um amigo que o acusa de não ser filho de quem imagina, esse príncipe, de nome Édipo, decide investigar quem são seus verdadeiros pais. Consulta os deuses e recebe uma resposta sinistra: será o autor de dois crimes repugnantes. É então que, com ousadia, ele tenta modificar seu destino e abandona a cidade onde desfrutava de muitos privilégios. Torna-se andarilho, enfrenta desafios, vence-os e

sobe ao poder. Mal sabe ele, porém, que todos os seus atos acabarão por levá-lo a cumprir a vontade divina e a maldição que pesa sobre sua família.

Quando pensava ter vencido todos os obstáculos, julgando-se o favorito dos deuses, sua sorte vira de modo brutal. Tal reviravolta será resultado de sua coragem ou de sua imprudência? Afinal, não é fácil ser dono dos próprios atos em uma sociedade cuja vida é predeterminada pelo obscuro desejo dos deuses.

A luta de Édipo por liberdade, bem como o tamanho de seu fracasso transformaram-no em um dos mais importantes personagens do mito e da literatura de todos os tempos. Caminhando com ele, percorremos as trilhas do tempo e conhecemos costumes e crenças da sociedade grega há mais de dois mil anos. Édipo, o homem que tem os pés inchados – significado de seu nome em grego –, decifra o enigma da Esfinge, mas não para de tropeçar no mistério de si.

PRÓLOGO

– Que grito esquisito! De que animal será? O pastor apura o ouvido, tenta reconhecer o estranho barulho que o inquietou. Mas os balidos de seu rebanho o impedem de ouvir direito.

– Devo ter me confundido. Mas...

Com a mão em concha sobre os olhos apertados por causa do sol, ele observa os lados do Citerão*, mas a luz forte logo o incomoda. Resolve deixar o assunto de lado, quando ouve novamente os mesmos gritos.

– Desta vez, tenho certeza – murmura o pastor.
– Foi ali!

Na subida do vale, uma silhueta surge da sombra. É, sem dúvida, um homem que sobe pelo atalho. Parece que é de lá que vêm os gritos; talvez, lamentos.

Depois de alguns minutos de caminhada, o homem se aproxima e o pastor consegue vê-lo melhor. Ele é grande, forte, com certeza jovem. Talvez um caçador. Nos ombros carrega um galho grosso. Preso ao galho pelas patas, de ponta-cabeça, sua caça. Estranha caça: não está morta e geme... com voz humana!

Mordido pela curiosidade, o pastor caminha em direção ao homem, seguido de longe por seus carnei-

ros e suas cabras, que os cachorros impedem de se dispersar pela montanha.

O sol alto diminui a marcha do caçador. Alguns arvoredos oferecem uma sombra agradável. Ele senta numa pedra e coloca no chão a carga. Um bebê. Assustada, a criança para um pouco de gemer, entreabre os olhos que ainda mal enxergam.

O homem vira a cabeça:

– Não me olhe assim, não sou nada. Apenas executo ordens, só isso. Seria melhor se você não tivesse nascido...

A resposta foi somente um chorinho triste; o rosto da criança está vermelho e bastante suado. O homem a encara novamente. Seu olhar se detém nos pulsos e tornozelos já meio arroxeados, firmemente amarrados com cordas sólidas.

– Devo tê-lo machucado muito, amarrando-o como uma caça... Mas é a isso mesmo que você foi reduzido.

O pé esquerdo está inchado e torcido de modo bizarro: um ferimento sem dúvida irremediável. Mas o que isso importa, já que o menino deve morrer? O homem se inclina e toca levemente, com a ponta dos dedos, o pé mutilado.

– Por que me confiaram esta missão? Logo eu, que não posso ver nem mesmo um carneirinho ferido! Como farei para abandoná-lo entre os animais selvagens?

Ao ser tocado pelo homem, mesmo de leve, o cor-

po do bebê estremece por inteiro. Ele agora começa a soltar gritos roucos.

Baixando os olhos, o homem se perde em seus pensamentos.

Sons familiares o tiram do devaneio.

Balidos e alguns latidos, não há dúvida, é um rebanho que se aproxima. O pastor não deve estar longe! Quando este chega ao atalho, os dois jovens se reconhecem:

– Ah, então é você! – diz o pastor. – Tudo bem, meu amigo? De longe não o reconheci. O que está fazendo aqui sem o seu rebanho?

O outro se levanta para retribuir o cumprimento:

– Que os deuses o protejam! Veja só, eu preferiria estar com meu rebanho a ter de cumprir esta missão!

– Sua missão é esse pequeno? Ele é seu? – pergunta o pastor.

– Meu? E eu conseguiria abandonar uma criança; um filho que fosse meu?

– Pobre menino! Você vai abandoná-lo?

O “caçador” balança a cabeça. E a criança, conformada com sua própria sorte, geme em silêncio.

– É horrível – disse o primeiro pastor. – E tem gente que daria qualquer coisa para ter um filho!

– Você conhece alguém que o adotaria? Leve-o!

Mas o homem logo volta atrás, arrependido:

– Não, não posso fazer isso. Os pais me confiaram esta missão e eu devo cumpri-la.

– Eu fico com ele. Não falarei nada sobre você, nem mesmo ao rei, meu senhor. Ele tem muita vontade de ter um filho e não consegue.

Quase convencido, o segundo ainda se defende e mostra a criança:

– E esse pé? Veja: quem é que gostaria de ter um filho mutilado?

– A gente cuida disso. E mesmo que não se cure, o que importa? Ele será o filho amado e paparicado por meu rei, que o espera há muitos e muitos anos. Deixe-o comigo, é melhor do que entregá-lo à fúria dos animais.

Estas últimas palavras vencem toda a resistência do homem. Sem hesitar muito, delicadamente ele pega nos braços o pequeno ser, olha-o longamente, como se quisesse se despedir, desejando-lhe boa sorte. Entregando-o ao seu salvador, murmura para si mesmo:

– Espero não estar cometendo um erro com essa desobediência. Que os deuses não se zanguem comigo.

Mas quem pode saber o que irrita os deuses?

I

ÉDIPO AMEAÇADO

